



»Entrevista | HÉLDER BARBALHO | GOVERNADOR DO PARÁ

Chefe do Executivo paraense chama a atenção para o fato de que a baixa vertiginosa de níveis dos rios é um aviso à comunidade internacional de que a questão ambiental pode estar próxima do ponto de não retorno. Ele busca, ainda, parcerias com a FAO para o estado

“Seca da Amazônia deve servir de alerta”

» HENRIQUE LESSA

O governador do Pará, Hélder Barbalho (MDB), considera que a seca vivida em algumas partes da Amazônia é um sinal de alerta para a comunidade internacional de que a questão ambiental pode estar chegando a um ponto de não reversão. Na região, Manaus e municípios próximos têm sofrido com trechos do leito seco do Rio Amazonas; no Pará, a situação na região do Baixo Amazonas e do Tapajós entrou em estado crítico. “Essa seca nos acende um alerta da necessidade urgente de evitarmos os impactos ambientais”, adverte. Hélder esteve na Europa em busca de apoio a projetos de bioeconomia na região e tenta ainda, junto à Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO em inglês), parcerias nessa direção. Ao *Correio*, o governador adiantou que pretende convidar o papa Francisco a ir a Belém antes da COP30 — que se realizará na capital paraense —, uma vez que o sumo pontífice tem sido uma das principais vozes do planeta em defesa do meio ambiente. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

O Amazonas vem convivendo, há semanas, com uma seca inédita e Manaus está sendo duramente afetada. O Pará corre o mesmo risco?

Essa seca deve servir de alerta para a necessidade urgente de evitarmos os impactos ambientais. Estamos falando da maior bacia hidrográfica do mundo, vivendo a pior seca da história, com o Rio Amazonas sofrendo com a menor cota da história. Isso é um alerta aos países e à sociedade de que o meio ambiente precisa ser escutado. Sofremos as consequências. No Pará, temos pontos de seca na região do Baixo Amazonas e do Tapajós, com algumas cidades decretando estado de emergência — a principal é Santarém. O estado está encaminhando 5 mil cestas e 5 mil galões de água para essas regiões. São as mais atingidas, seja pelas secas, seja pela dificuldade de navegação em alguns rios, o que acaba prejudicando toda a logística de abastecimento. Também

Erasm Salomão/MS



Vejo uma clara confiança, com a liderança do presidente Lula, no reposicionamento do Brasil, que voltou a ser visto como um país que lida com o tema ambiental de forma prioritária. O país voltou a ser encarado como alguém que deve estar na mesa, em um patamar de liderança no processo”

estamos conversando com as prefeituras sobre demandas de perfuração para garantir abastecimento de água. Mas a realidade no Pará ainda é muito melhor que a do Amazonas. Estamos nos preparando, levando para a região de Santarém estrutura de atendimento assistencial, mesmo sem que ainda tenhamos a mesma escala do Amazonas.

A FAO atua no combate à fome. A saída verde é a solução do problema?

A bioeconomia e o processo de agricultura familiar sustentável, a partir de sistemas agroflorestais, deve ser visto como a grande solução. Certamente é uma das estratégias para a conciliação da vocação produtiva, principalmente no viés da agricultura familiar regenerativa, da lavoura, da pecuária e da floresta, fundamentalmente pela adoção da agrofloresta — estimulando o melhor uso do

solo, valorizando culturas que possam se harmonizar com a floresta. Também apostamos que podemos intensificar a produção sem derrubar uma árvore sequer e continuar contribuindo para a vocação de produção alimentar, para a segurança alimentar do planeta. O Pará é o 10º em agricultura e o segundo em pecuária no Brasil, mas aquilo que está antropizado no estado é suficiente. O que precisamos é mudar a lógica da atividade. O cultivo extensivo sendo mudado para o intensivo, que é produzir mais sem derrubar uma árvore; produzir mais com o que está sendo utilizado. Queremos, também, inserir novas atividades: as regenerativas, de bioeconomia. Fazer essa transição do atual modelo, estimulando cultivos que dialoguem melhor e de forma mais harmônica com o meio ambiente.

A parceria com a FAO traz

recursos para esses projetos?

Queremos fazer um termo de cooperação para promover a bioeconomia, e usarmos o instrumento para conseguirmos apoio junto aos parceiros da FAO, como o Banco Mundial (Bird) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), para impulsionarmos o Plano Estadual de Bioeconomia. Acreditamos que a FAO vai nos ajudar nessa mobilização, de captação de recursos que possam dar escala às metas que estão no Plano Estadual de Bioeconomia — lançado no ano passado, na última edição da COP, no Egito.

O Brasil está recuperando o protagonismo ambiental. A exploração do petróleo na foz do Amazonas pode impactar essa retomada?

Vejo uma clara confiança, com a liderança do presidente Lula, no reposicionamento do Brasil, que voltou a ser visto como um país que lida com o

tema ambiental de forma prioritária. O país voltou a ser encarado como alguém que deve estar na mesa, em um patamar de liderança no processo. Isso foi dito várias vezes, inclusive pelo secretário-geral da FAO (o chinês Qu Dongyu), ressaltando a importância e a relevância da retomada do Brasil na liderança desse papel. Isso é, para nós, uma oportunidade gigante. Ao mesmo tempo, temos a presidência do G20 e uma COP em Belém em menos de dois anos. Temos todas as condições e um alinhamento das visões que devem se multiplicar e impulsionar a oportunidade de deixar um legado no processo. É disso que estamos em busca. O Brasil voltou a ter credibilidade. Não percebi qualquer ruído nas reuniões, aqui, sobre o posicionamento do Brasil.

E quanto à Margem Equatorial (no Amapá, apontada como de grande

potencial petrolífero)?

Isso sequer foi questionamento por aqui. É uma discussão que a Petrobras tem de fazer com os órgãos ambientais. O que defendo, e o fiz publicamente semana passada, é que o petróleo não é a vocação que o Pará escolheu — escolhemos a bioeconomia. O que queremos é que a Petrobras possa nos apoiar na transformação e na transição ecológica do Norte do Brasil, da Amazônia. Uma transição ecológica para que possamos fazer a floresta viva valer muito mais que a floresta morta.

O que o senhor espera dessa viagem à Europa?

Estive no Fórum Mundial de Alimentos. Participamos na conferência sobre bioeconomia, presidida pelo diretor-geral da FAO. Depois, tivemos uma reunião só da nossa delegação com ele. Aprofundamos as possibilidades de parcerias e a ideia é que possamos assinar uma primeira cooperação entre o Pará e a FAO na COP28, em Dubai. Queremos fortalecer a bioeconomia e buscar a atuação da FAO na produção de alimentos, agricultura, agricultura regenerativa e sistemas florestais. A FAO tem um olhar muito claro de fortalecimento da bioeconomia, de valorização da floresta viva, o que é exatamente o que defende o Pará. Tivemos outra agenda com a diretora-geral adjunta (Maria Helena Semedo), detalhando mais com a equipe técnica.

E o papa Francisco? Pode ir a Belém em 2025?

Sim, seria em uma agenda pré-COP, antes da conferência. Depende dele — pode ser em 2024 ou em 2025, mas seria antes da COP30. Queremos fazer uma grande mobilização pela Amazônia, reverberando o que tem sido a prática dele: a defesa da floresta e a demonstração da preocupação de que a Igreja Católica deve ter um papel importante no chamamento da sociedade para as urgências climáticas. Nossa intenção é que ele possa, in loco, na Amazônia, atuar como vem fazendo no Vaticano: ser um instrumento de formação de opinião, um líder mundial em defesa da Amazônia, da floresta e das urgências climáticas.

VIOLÊNCIA

Armas furtadas do Exército descobertas no Rio

Agentes da Polícia Civil interceptaram, ontem, oito das 21 armas do Exército que tinham sido furtadas do Arsenal de Guerra da força, em Barueri (SP). O material foi descoberto na entrada da localidade Gardênia Azul, no bairro de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio. São quatro metralhadoras .50 e outras quatro MAGs, calibre 7.62.

O furto das armas foi descoberto em 10 de outubro, mas teriam sido retiradas do Arsenal

no feriado de de 7 de setembro. Investigação do Exército indica que pelo menos três integrantes da força estão envolvidos no desvio das metralhadoras, que seriam entregues a facções criminosas do Rio. A força tinha aquartelado 480 militares a fim de quem estaria envolvido no desvio do material.

A interceptação das armas foi feita por agentes da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE), que contaram com

apoio da Inteligência do Exército. As investigações ganharam impulso depois que um vídeo, que circulou em algumas redes sociais, mostra quatro dessas metralhadoras sendo oferecidas a traficantes de uma quadrilha com atuação na capital fluminense — todas estão entre as oito apreendidas.

Segundo os investigadores, parte do arsenal apreendido havia sido comprado e foi oferecido em quatro favelas — Nova

Holanda, no Complexo da Maré; Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha; Rocinha e Cidade de Deus —, todas dominadas por uma mesma facção criminosa. O material seria usado na disputa entre grupos de traficantes que há quase um ano aterroriza a região da Gardênia Azul.

Porém, outras 13 armas furtadas em São Paulo continuam desaparecidas: sete .50 (que podem derrubar aeronaves) e seis MAGs (usadas para combates).

Reprodução/X do ministro Flavio Dino



Metralhadoras foram compradas por uma facção criminosa carioca